

Papa Francisco e as pessoas LGBTQI+: mudanças e perspectivas

Pope Francis and the LGBTQI+ People: Changes and Perspectives

Maria Cristina Silva Furtado*

Resumo

Nesse artigo procura-se mostrar o posicionamento do papa Francisco, desde o início do seu pontificado, e o que ele espera da Igreja Católica Apostólica Romana, em relação às pessoas LGBTQI+. Para isso alguns documentos de seu pontificado são analisados em relação a este tema. Entre eles: Comunidade de Comunidade: Uma nova Paróquia, Preparatório para a III Assembléia, III Assembléia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, XIV Assembléia Geral Ordinária, Carta Encíclica Laudato Si, Exortação pós-sinodal Amoris Latitia e a Campanha da Fraternidade 2021. Em seguida, busca-se entender o significado dos gestos de Francisco, e perceber qual é a igreja que ele deseja. Quais as mudanças e perspectivas que podem ocorrer, entre Igreja e pessoas LGBTQIA+ tendo como base o amor incondicional de Deus encontrado nos evangelhos. É importante lembrar que para o papa Francisco, acolher, integrar, dialogar, encontrar pontos de união em favor da vida, principalmente, da vida dos mais vulneráveis, são muito importantes.

Palavras-chave: Amor incondicional. Inclusão. Acolher. Integrar. Dialogar.

Abstract

This article seeks to show pope Francis' position, right from the beginning of his pontificate, and what he expects from the Roman Catholic Church in relation to LGBTQIA+ people. In order to do that, some documents of his pontificate are analyzed in relation to this theme. Among them: *Community of Community: A new Parish, Preparatory for the III Assembly, III Extraordinary General Assembly of the Synod of Bishops, XIV Ordinary General Assembly, Encyclical Letter Laudato Si, Post-Synodal Exhortation Amoris Latitia and the 2021 Fraternity Campaign*. Then, we try to understand the meaning of Francisco's gestures, and to understand which church he wants. What changes and perspectives may occur between the Church and LGBTQIA+ people, based on the unconditional love of God found in the gospels. It is important to remember that for pope Francis', welcoming, integrating, dialoguing and finding points to come together in favor of life, especially the lives of the most vulnerable, are very important.

Keywords Unconditional love. Inclusion. Welcoming. Integrating. Dialog.

Artigo submetido em 24 de fevereiro de 2021 e aprovado em 4 de dezembro de 2021.

* Doutora em Teologia pela PUC-Rio. Professora externa da UFRJ/Macaé - projeto GEPESaúde. País de origem: Brasil.
E-mail: mariacristinafurtado476@gmail.com.

Introdução

Em 13 de março de 2013 quando anunciaram o novo papa, e surgiu o cardeal Jorge Mario Bergoglio na sacada da Basílica de São Pedro, como papa Francisco, as suas primeiras ações surpreenderam, encantaram a quem assistiu este momento histórico, trazendo grandes expectativas. De acordo com Gerard O’Connell, “todos puderam ver que a igreja tinha um líder diferente” (O’CONNEL, 03 maio 2019). O papa fez uso de palavras simples, brincou com o povo, chamou-os de irmãos e irmãs, falou dos pobres e de Francisco de Assis, rezou com os fiéis pelo papa emérito, pediu que rezassem por ele, Francisco, e o abençoassem, para o que se curvou com humildade. A mídia logo declarou que havia algo novo no ar.

A opção por continuar a usar a cruz de prata, o sapato preto com o qual andava nas ruas de Buenos Aires, o pequeno carro popular, e o apartamento em Santa Marta, trazia uma forte mensagem. Suas ações e palavras eram percebidas como sinais de possíveis transformações de uma igreja gloriosa para uma igreja mais humilde, mais próxima dos necessitados, dos excluídos, trazendo esperança aos que clamam, há muito tempo, por mudanças. Ao mesmo tempo este foi o início das inúmeras críticas que ainda recebe, dos que temem estas e outras mudanças.

Apesar destes sinais promissores, nos primeiros meses do pontificado de Francisco, parecia que a tensão entre a Igreja Católica Romana e às questões voltadas às pessoas LGBTQI+¹ continuariam como antes. Em 16 de maio de 2013, no Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tornou a afirmar, em documento, o que já havia dito antes da entrada de Francisco: as uniões por casais homoafetivos não poderiam ser equiparadas à família. Segundo a CNBB a constituição federal de 1988, art. 226, inciso 3, afirma que o casamento e as uniões estáveis ocorrem entre homem e mulher como entidade familiar, e não com pessoas do mesmo sexo. Além disso, refutou a teoria da construção de gênero, chamando-a de ideologia de gênero, e Dom Orani Tempesta publicou na página

¹ A sigla oficial é LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais). Usarei LGBT quando me referir às pessoas que a usam dessa forma, e LGBTQI+ quando eu estiver me dirigindo ao grupo. O aumento da sigla tem acontecido para colocar também nela, as pessoas Queer, e Interssexual, pois estão lutando para serem visibilizadas, e o + (para incluir outras pessoas que desejam se colocar nesta sigla). Cf. **Secretaria da Justiça e Cidadania (SJC)**. Orgulho LGBTQI+: Conheça o significado de cada letra e a luta por respeito a diversidade, 18 jun. 2020.

da arquidiocese do Rio de Janeiro, na internet, o artigo Reflexões sobre a ideologia de gênero (TEMPESTA, 25 mar. 2014).

No entanto, em julho de 2013, dentro do avião, quando deixava o Rio de Janeiro e retornava a Roma, após a 28ª Jornada Mundial da Juventude, o papa Francisco ao responder às perguntas dos jornalistas, fez uma afirmativa muito interessante sobre as pessoas homossexuais: "Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?" (MAISONNAVE, 2013). Logo depois acrescentou, "o catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados por causa disso, mas integrados à sociedade." (MAISONNAVE, 2013).

Para quem, como eu, que: - desde 2006, pesquiso, reflito, escrevo, e trabalho sobre os problemas emergentes da sociedade; - através de um diálogo psico/teológico, dentro da teologia sistemático-pastoral, dou especial atenção à violência contra as mulheres e as pessoas LGBTQI+; - participo e sou apoio em diversos grupos LGBT católicos; - atendo em meu consultório pessoas que sofrem violência de gênero; - vivia em constante tensão, receosa que as críticas existentes nas palavras, e nos documentos da Igreja Católica sobre as temáticas de gênero e diversidade sexual, pudessem aumentar a violência contra este grupo; qual não foi a minha surpresa e alegria quando o papa Francisco deu a resposta acima em uma entrevista. A partir daí, pude verificar, seja através de documentos, de pequenos ou grandes gestos, o respeito que ele sente por estas pessoas, e sua sensibilidade em relação às questões que as envolvem.

Aos poucos foi possível perceber que, embora soubesse que não seria um trabalho fácil, o papa Francisco desejava fazer importantes mudanças na Igreja Católica Romana. Se observarmos os documentos da Igreja, veremos que os seus antecessores viam a teologia voltada para as verdades universais e, com base nelas, trabalhavam as normas. Francisco parte da singularidade para, com base no evangelho, chegar ao todo. Se somarmos o tempo dos dois pontífices anteriores, veremos que boa parte do clero atual, recebeu uma formação calcada, principalmente, em normas. Se falar em mudança, sob qualquer aspecto, assusta, em relação à moral sexual, assusta muito mais. Entretanto, o papa vem se mostrando persistente, e as mudanças começam a surgir.

Neste artigo abordarei as mudanças e perspectivas que surgem com o papa Francisco, no que diz respeito as pessoas LGBTQI+. Refletirei sobre as formas de como a teologia poderá ajudar na conscientização das questões ligadas a essas pessoas, para a inclusão e a integração de todos/as na Igreja Católica.

1. Mudanças em relação às pessoas LGBTQI+

O papa Francisco, desde o início do seu pontificado, abandonou as grandes generalizações para abordar a singularidade da pessoa humana. Ele deixa de lado as críticas severas às pessoas que possuem impedimentos para vivenciar o que a Igreja Católica Romana traça como ideal. Traz um olhar misericordioso abrangente, e fala da integração das pessoas LGBTQI+, e dos filhos das uniões de casais do mesmo sexo. Mudanças que podem ser vistas através dos documentos da Igreja, de seus gestos particulares e oficiais, mostrando novas perspectivas.

Como é impossível aqui analisar todos os documentos deste pontificado, as palavras e os gestos do papa, fiz um recorte trazendo os que achei mais significativos ao nosso objetivo.

1.1 Documentos do papa Francisco

Nos documentos escolhidos, por mim, para este artigo, poderemos perceber um tratamento mais ameno às pessoas LGBTQI+, e o surgimento de uma preocupação pastoral em relação a estas pessoas e seus filhos. Nas retiradas da temática nos relatórios finais da Assembleias, é possível pensar em possíveis divergências de pensamento entre os bispos. Mas a insistência da temática, por parte de Francisco, parece apontar para uma busca por mudanças pastorais em relação a essas pessoas.

1.1.1. Comunidade de Comunidade: Uma nova Paróquia. – 4ª Versão

Trata-se de um documento relativo à Conferência Nacional dos Bispos, do Brasil, realizada em Aparecida SP, de 10 a 19 de abril de 2013. Foi o primeiro documento do pontificado de Francisco, onde vemos a diferença de abordagem em relação às pessoas LGBTQI+. O documento recebeu várias versões, e em sua 4ª versão, com emendas, o n. 217 tratou sobre a adoção por pessoas do mesmo

sexo, e o n. 218, do acolhimento às novas configurações familiares, afirmando que é preciso que a Igreja, família de Cristo, acolha, com amor, todos os seus filhos, sem esquecer os ensinamentos cristãos sobre a família. “É preciso usar de misericórdia” [...] Acolher, orientar, e incluir nas comunidades aqueles que vivem numa outra configuração familiar, são desafios inadiáveis” (CNBB, 19 abr. 2014, n. 218). Um documento que se mostrou mais aberto que os anteriores, pois abordava positivamente aspectos importantes sobre as questões LGBTQI+.

1.1.2. Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização – III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos (5-9 outubro de 2014).

1.1.2.1 Documento preparatório

Este documento, de 2013, teve o objetivo de ajudar na preparação dos participantes para a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, a ser realizada de 5 a 9 de outubro de 2014. Nele, houve referência às uniões entre pessoas do mesmo sexo, sem, novamente, serem usadas as expressões negativas dos documentos anteriores. No item I - O Sínodo: família e evangelização encontramos:

[...] hoje, perfilam-se problemáticas até a poucos anos inéditas, desde a difusão dos casais de fato que não acedem ao matrimônio e às vezes excluem esta própria ideia até às uniões entre pessoas do mesmo sexo, às quais, não raro, é permitida a adoção de filhos. (ASSEMBLÉIA GERAL 3, 05 nov. 2013, n.1).

No capítulo 3, deste documento, há um questionário, e entre as perguntas, algumas são sobre as uniões de pessoas do mesmo sexo. Perguntas que mostram uma preocupação da Igreja com as atitudes pastorais, e o desejo que toda a comunidade eclesial se pronunciasse a respeito. Entre elas:

- a) Existe no seu país uma lei civil de reconhecimento das uniões de pessoas do mesmo sexo, equiparadas de alguma forma ao matrimônio?
- b) Qual é a atitude das Igrejas particulares e locais, quer diante do Estado civil promotor de uniões civis entre pessoas do mesmo sexo, quer perante as pessoas envolvidas neste tipo de união?
- c) Que atenção pastoral é possível prestar às pessoas que escolheram viver nesse tipo de união?
- d) No caso de uniões de pessoas do mesmo sexo que adotaram crianças, como é necessário comportar-se pastoralmente, em vista da transmissão da fé? (ASSEMBLÉIA GERAL 3, 04 nov. 2013, n. 5).

1.1.3 Relatio post disceptationem – Cardeal Péter Erdö

Elaborado durante a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos bispos, de 5 a 9 de outubro de 2014, no Vaticano, este documento que teve como relator geral o Cardeal Péter Erdö, traz no n.50 que as pessoas homossexuais têm dotes e qualidades para oferecer à comunidade cristã, e pergunta se a comunidade cristã está preparada para acolhê-los, garantindo espaço de fraternidade. O n.51 rejeita a equiparação ao matrimônio entre homem e mulher, e as normas inspiradas na ideologia de gênero. Mas o n. 52 aborda a importância de se dar atenção às crianças que vivem com casais do mesmo sexo (ERDO, 13 out 2014, n. 52).

Nestas colocações percebe-se certa preocupação com os filhos de casais do mesmo sexo, embora seja importante registrar que o documento não se refere a estas crianças como filhos, mas como crianças que vivem com os casais homoafetivos.

1.1.4 Relatio Synodi – relatório final

Neste documento que finalizou a referida Assembleia, nenhum dos aspectos relativos as uniões entre pessoas do mesmo sexo, e suas crianças, que foram abordados nos documentos anteriores, permaneceu. A única referência às pessoas homossexuais foi feita no n. 55, “[...] os homens e as mulheres com tendências homossexuais devem ser acolhidos com respeito e delicadeza.” (Assembleia Geral 3, 18 out. 2014, n. 55). Uma repetição do que já está escrito no Catecismo da Igreja Católica.

Ao refletir sobre estes três documentos, é possível pensar que, durante o evento, as diferenças de pensamentos sobre o tema tenham sido tão grandes, que se deixou de fora do relatório final aspectos, anteriormente, considerados importantes, mas não foram aceitos pela maioria. Conseguiu-se apenas chegar em um ponto de concordância que não trazia novidade. Para o Prof. Dr. Pe. Correa Lima (PUC-Rio), “o documento final do Sínodo não tem valor normativo, apenas consultivo. É um subsídio para a Exortação Pós-Sinodal do papa, que pode ou não o incorporar.” (Depoimento pessoal, 2014). No entanto, é

importante notar que o documento mostra o pensamento de um número significativo de bispos da Igreja Católica.

1.1.5 A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo – XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (4 a 25 de outubro de 2015).

1.1.5.1 Lineamenta - Documento preparatório

Em 9 de Dezembro de 2014, o Vaticano apresentou este documento preparatório para a XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo. Ele foi enviado aos setores responsáveis, e após trazer as conclusões do último sínodo, fechou com 46 perguntas. Nos números 55-56 encontramos as que estão voltadas para a pastoral da pessoa homossexual.

A pastoral da pessoa homossexual, hoje, coloca novos desafios, nomeadamente, devido à maneira pela qual, socialmente, são propostos os seus 40 direitos. Como a comunidade cristã volta sua atenção pastoral para as famílias que têm dentro de si uma pessoa homossexual? Evitando qualquer discriminação injusta, como cuidar de pessoas em tais situações, à luz do Evangelho? Como propor as suas necessidades para a vontade de Deus sobre a sua situação? [...]. (PREPARATÓRIO ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, 9 dez. 2014, n. 55-56).

1.1.6 Relatório final

De 4 a 25 de outubro, de 2015 foi realizada a XIV Assembleia Geral Ordinária (AGO), e o relatório final da Assembleia, repetiu o que já havia sido dito antes de Francisco, sem fazer referência aos itens do documento preparatório.

O n.76, por exemplo, repete as palavras da Congregação da Doutrina da Fé, de 2003, no n.4., “A Igreja confirma que cada pessoa, independentemente da sua tendência sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, com o cuidado de evitar ‘qualquer atitude de injusta discriminação’.”. Reafirma ainda que “não existe fundamento algum para equiparar ou estabelecer analogias, mesmo remotas, entre as uniões homossexuais e o plano de Deus sobre o matrimônio e a família.” Considera totalmente “inaceitável as Igrejas locais sofrerem pressão para a introdução de leis que instituem o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo.” (Assembleia Geral 14, 76).

1.1.7 Carta Encíclica *Laudato Si*

Em 24 de maio de 2015 foi publicada a Carta Encíclica *Laudato Si (LS)* do papa Francisco, sobre o cuidado da casa comum. Nesta carta, embora não mencionasse, explicitamente, os estudos de gênero, no terceiro capítulo, ao tratar da ecologia da vida cotidiana encontramos:

A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como um dom do Pai e como casa comum; já uma lógica de domínio sobre o próprio corpo se torna uma lógica às vezes sutil de domínio sobre a criação. E conclui: não é sadia uma atitude que pretenda ‘apagar’ a diferença sexual por não saber mais lidar com ela. (PAPA FRANCISCO, 24 mai. 2015, LS 155).

1.1.8 Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*

Em 19 de março de 2016, o papa Francisco publicou, como resposta aos dois sínodos sobre “família”, esta Exortação Apostólica voltada aos presbíteros, diáconos, pessoas consagradas, esposos cristãos e a todos/as os/as fiéis leigos/ sobre o amor na família. Um documento que trouxe continuidades, mas também interessantes aberturas em relação às pessoas LGBTQI+.

A AL 9 cita Mt 19,4 “Não leste que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher”? E retoma o mandato do livro do Gênesis: “Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne. (Gn 2, 24).” (PAPA FRANCISCO, 19 mar. 2016, AL 9). Entretanto em AL 37 aborda-se algo muito importante ao qual se voltará, em outros documentos. “A simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, não tem servido de apoio suficiente às famílias.”

A dificuldade de deixar espaço à consciência dos fiéis, que muitas vezes respondem o melhor que podem ao Evangelho, no meio dos seus limites, e são capazes de realizar o seu próprio discernimento perante situações em que se rompem todos os esquemas. Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las. (19 mar. 2016, AL 37).

A AL 52 se refere a grande variedade de situações familiares que podem fornecer certa regra de vida, mas afirma que as uniões de facto ou entre pessoas do mesmo sexo, não podem ser equiparadas ao matrimônio. “Nenhuma união

precária ou fechada à transmissão da vida garante o futuro da sociedade.” (PAPA FRANCISCO, 19 mar. AL. 52).

Mais adiante, como tem sido feito pela Igreja Católica Romana, desde 1999, o papa aborda os estudos de gênero como se fossem uma só teoria, e referindo-se a ela como ideologia de gênero. Em AL 56, por exemplo, ele alerta para o perigo de se negar a diferença, e a reciprocidade natural de homem e mulher, esvaziando a base antropológica da família. Aborda a diferença entre compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e aceitar ideologias que pretendam dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade. Para o papa Francisco, “a criação precede-nos, e deve ser recebida como um dom. Ao mesmo tempo somos chamados a guardar a nossa humanidade, e isto significa, antes de tudo, aceitá-la e respeitá-la como ela foi criada.” (PAPA FRANCISCO, 9 mar. 2016. AL 56).

Entretanto, mais adiante o papa afirma que o amor de Jesus foi sem fronteiras, ofereceu-se por todas as pessoas sem exceção. Citando outros documentos como a Bula *Misericordiae Vultus*, 2015, explica, “examinei a situação das famílias que vivem a experiência de ter no seu seio pessoas com tendência homossexual, experiência não fácil nem para os pais nem para os filhos.” (PAPA FRANCISCO, 2015, AL 250). Em seguida relembra o Catecismo da Igreja Católica, n. 2358, e reafirma que

cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual [...] deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar «qualquer sinal de discriminação injusta» e particularmente toda a forma de agressão e violência. Às famílias, por sua vez, deve-se assegurar um respeitoso acompanhamento, para que quantos manifestam a tendência homossexual possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida. (PAPA FRANCISCO, 9 mar. 2016, AL 250).

Nesta exortação é possível perceber que o papa Francisco mostra-se empático às pessoas LGBTQI+ e às suas famílias. Reage com veemência ao que considera fugir da doutrina católica, mas é sensível à necessidade de se oferecer todo apoio para essas pessoas, a fim de que possam se abrir positivamente ao bem da vida.

Para o papa Francisco, o amor de Deus é incondicional, e não temos que fazer nada para merecer esse amor. Durante a sua catequese, ele já ressaltou que “[...] Um amor como o de Deus: vem antes de tudo e é incondicionado. Deus não ama por alguma razão, mas porque Ele mesmo é amor e o amor tende, por natureza, a se difundir, a se doar.” (PAPA FRANCISCO, 14.jun.2017). Em 2019, na Missa do Galo, ele voltou a falar sobre o amor incondicional de Deus.

Deus se fez criança para se deixar ser abraçado por nós e é algo incondicional. Enquanto aqui na Terra tudo parece responder a lógica de dar para receber, Deus chegou de graça. Seu amor não é negociável: nunca fizemos nada para merecê-lo e nunca poderemos recompensá-lo. (PAPA FRANCISCO, 25 dez. 2019).

Na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia* a preocupação do papa é com o cuidado e respeito com todas as pessoas, em especial com as que não tem tido acolhida na Igreja. De acordo com a análise feita pelo Pe. Pier Davide Guenzi, presidente da Associação de Teólogos Morais e professor na Faculdade Teológica da Itália Setentrional, nos n. 250 e 297, as duas afirmações feitas já se encontram no documento Cuidado pastoral das pessoas homossexuais. Porém, para esse padre, “a *Amoris laetitia* carece completamente da condenação ética dos gestos homossexuais.” (GUENZI, 21 fev. 2019). Para Guenzi, a homossexualidade representa o contexto real dentro do qual cada um é chamado a decidir por si mesmo como corresponder pessoalmente ao amor de Deus.

Na AL 297, o papa ainda abordou a necessidade da Igreja integrar todas as pessoas, seja em que situação estiverem.

Deve-se ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial [...]. Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos, seja qual for a situação em que se encontrem. (PAPA FRANCISCO, 9 mar. 2016, AL 297).

Sobre as situações consideradas irregulares, ele continua a abordagem na AL 301, e fala da importância de se ter na consciência que todas as pessoas que vivem nessas ‘situações não podem ser vistas como se vivessem em estado de pecado mortal.

[...] Já não é possível dizer que todos os que estão numa situação chamada «irregular» vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante. Os limites não dependem simplesmente dum eventual desconhecimento da norma. Uma pessoa, mesmo conhecendo bem a norma, pode ter grande dificuldade em compreender «os valores

inerentes à norma» ou pode encontrar-se em condições concretas que não lhe permitem agir de maneira diferente, e tomar outras decisões sem uma nova culpa. Como bem se expressaram os Padres sinodais, «pode haver fatores que limitam a capacidade de decisão». (PAPA FRANCISCO, 9 mar. 2016, AL 301).

Mais adiante, o papa Francisco ainda aconselha os fiéis que se encontram em situações complexas, a procurar uma orientação com os seus pastores e/ou leigos/as que vivem entregues ao Senhor, pois estes/as poderão compreender melhor o que está acontecendo, e descobrir um caminho de amadurecimento pessoal. Ao mesmo tempo, ele faz um convite.

Convido os pastores a escutar, com carinho e serenidade, com o desejo sincero de entrar no coração do drama das pessoas e compreender o seu ponto de vista, para ajudá-las a viver melhor e reconhecer o seu lugar na Igreja (PAPA FRANCISCO, 9 mar. 2016, AL 312).

Dentro da lógica da misericórdia pastoral, o papa Francisco enfatiza:

Às vezes custa-nos muito dar lugar, na pastoral, ao amor incondicional de Deus. Pomos tantas condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de guardar o Evangelho. (PAPA FRANCISCO, 9 mar. 2016, AL 311).

A *Amoris Laetitia* é um documento importante para as pessoas LGBTQI+, e a igreja Católica. Apesar de tratar de inúmeras questões, e suas colocações terem sido generalizadas, podemos concluir que o papa foi positivo pela condução que deu a temáticas tão complexas. Não trouxe modificação doutrinal, no entanto, mostrou preocupação com o discernimento pessoal, o julgamento da consciência, valorizando a acolhida e priorizando o amor. Como explica Guenzi, as palavras-chave desta exortação são: acompanhar, discernir, integrar. Três verbos que no documento não se referem apenas ao caso considerado no capítulo 8, da Exortação. Para ele:

O fato de que elas também devem se estender a outras problemáticas, é explicitamente esclarecido por Francisco quando ele afirma, depois de reiterar a perspectiva de inclusão (e não de suspensão ou de exclusão) como uma atitude eclesial fundamental, que tal “lógica evangélica” se refere não só “aos divorciados que vivam em numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem”. (AL 297) (GUENZI, 21.fev.2019).

1.1.9 Os jovens, a fé, e o discernimento vocacional - Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária (3 a 28 de outubro de 2018).

Como preparação para esta Assembleia, aconteceram vários momentos importantes. Em março de 2018 houve um Pré-Sínodo de Jovens, e em seguida foi elaborado um questionário que permaneceu longo período online. Por fim organizou-se o documento preparatório, *Instrumentum Laboris*, trazendo uma análise da realidade atual.

Ao final da realização da XV Assembleia Geral Ordinária (XV AGO) foi feito um longo documento, datado de 27 de outubro de 2018, no qual tratou-se de inúmeros temas. Na primeira parte, abordou-se os problemas da igreja na escuta, onde foi consenso que os jovens não recebem a atenção que necessitam, e o documento pontuou as posições que atrapalham a escuta, tais como, o autoritarismo ou o paternalismo generalizado.

Em relação à sexualidade, no capítulo III, o n. 149 afirma que não há uma adequada educação sexual, e que se deve buscar modalidades adequadas para isso acontecer, inclusive “com a formação de agentes pastorais que sejam credíveis, a começar pelo amadurecimento das próprias dimensões afetiva e sexual.” (XV Assembleia Geral Ordinária, 27 out. 2018, n. 149). O n. 150 reconhece que as questões relativas ao corpo, afetividade e sexualidade precisam de uma elaboração antropológica, teológica, e pastoral mais profunda, que parta da realidade local para o universal, e repete o que já havia sido dito pela Congregação para a Doutrina da Fé, na carta aos bispos da Igreja católica sobre o cuidado pastoral das pessoas homossexuais, 1/X/1986, n.16.

[...] De igual modo, reafirma a relevância antropológica determinante da diferença e reciprocidade entre o homem e a mulher e considera redutivo definir a identidade das pessoas unicamente a partir da sua «orientação sexual». (XV Assembleia Geral Ordinária, 27 out. 2018, n, 150).

Este documento embora, de modo geral, repita o que já foi dito em outros anteriores, traz alguns aspectos importantes. Reconhece que a moral sexual é causa de incompreensão e de afastamento da Igreja, ao ser percebida como espaço de julgamento e de condenação. Acrescenta ainda que em muitas comunidades cristãs, já ocorrem o acompanhamento de pessoas homossexuais, e

que isto é essencial para que possam ser ajudadas a ler a sua história e terem oportunidade de

aderir livre e responsabilmente à sua chamada batismal, reconhecer o desejo de pertencer e contribuir para a vida da comunidade, discernir as melhores formas para o concretizar. (XV Assembleia Geral Ordinária, 27 out.2018).

De acordo com o documento, só dessa forma os jovens poderão, sem exceção, “integrar cada vez mais a dimensão sexual na própria personalidade, crescendo na qualidade das relações e caminhando para o dom de si.” (XV Assembleia Geral Ordinária, 27 out. 2018, n. 150). É importante frisar que, neste último parágrafo, há uma diferença dos demais documentos. Ele não aborda apenas a acolhida para as pessoas homossexuais, nem o discernimento sobre a verdade delas como pessoas, mas como nos lembra o Pe. Pier Davide Guenzi, ele traz a necessidade de integrar. O documento “define uma meta, com o verbo “integrar”, que se impõe como resultado de um caminho que não pode ser interminável, nem sem pontos finais. ” (GUENZI, 21 fev. 2019). Podemos considerá-lo como um documento importante para as pessoas LGBTQI+, pois não diz nada contrário ao reconhecimento, nem às uniões entre homossexuais, avançando ainda no uso do verbo “integrar”.

1.1.10 Campanha da Fraternidade de 2021

Como acontece de cinco em cinco anos, a Campanha da Fraternidade é feita de forma ecumênica. O tema escolhido este ano foi “Fraternidade e diálogo: compromisso de amor”, com base no texto de efésios 2, 14, “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade”. Por ser ecumênica, o texto básico e a organização foram preparados pelo Conselho de Igrejas Cristãs, CONIC, sob a coordenação da Pastora Romi Benck, e a Igreja Católica Romana, do Brasil, participou com dois representantes: Pe. Patriky Samuel Batista, e o Pe. José Oscar Beozzo.

O objetivo da Campanha da Fraternidade, de 2021, foi

convidar as comunidades de fé e as pessoas de boa vontade para pensar, avaliar e identificar caminhos para a superação das polarizações e das violências que marcam o mundo atual, através do diálogo amoroso testemunhando a unidade na diversidade. (OROFINO, 09 fev. 2021).

Um diálogo amplo na procura da superação da violência, para construir relações a fim de se praticar o amor. O texto base tratou dos diversos problemas que nos cerca. Parte da nossa realidade, inclusive mostrando os grupos que ficaram mais expostos na pandemia. Entre estes grupos, encontram-se as pessoas LGBTQI+.

O texto traz as letras QI+, ampliando o reconhecimento das pessoas do grupo. O debate sobre pessoas lésbicas, gays, bissexuais, e transexuais, abrange a questão queer, a intersexual, e o + (que faz referência a outras letras que ainda possam ser colocadas). Nele, não há nenhuma crítica ou referência à doutrina católica, mas expõe a situação de certos grupos.

No Brasil, a pandemia escancarou as desigualdades e a estratificação racial, econômica e social. [...] O retorno do Brasil ao mapa da fome, ao desemprego massivo, ao aumento de pessoas em situação de rua, à cultura de violência contra as mulheres, as pessoas negras, os indígenas, as pessoas LGBTQI+ foram as mais expostas pela pandemia. (CF, 2021, n. 31).

Em determinado momento, o texto refere-se a uma especificidade, ao se referir à realidade da violência contra as pessoas LGBTQI+.

[...] O aumento no número de homicídios de pessoas LGBTQI+, entre 2016 e 2017, foi de 127%. Estes homicídios são efeitos do discurso de ódio, do fundamentalismo religioso, de vozes contra o reconhecimento dos direitos das populações LGBTQI+ e de outros grupos perseguidos e vulneráveis. (CF, 2021, n. 68).

Ele mostra ainda a importância de se acolher o irmão. “Não é possível estar com Deus e ao mesmo tempo, discriminar e desrespeitar as outras pessoas por causa das suas diferenças étnicas, religiosas ou de gênero.” (CF, 2021, n. 125). Traz a necessidade de se acolher a diversidade, e das comunidades serem espaço de esperança e sonho.

As comunidades cristãs são chamadas a serem este espaço, que gera esperança e possibilita sonhar, exercitar e concretizar esta boa-nova de que podemos ser protagonistas de histórias sem discriminações, preconceitos e violências [...]. (CF, 2021, n. 139).

É importante registrar que, imediatamente, após a publicação do texto base, sem nem mesmo ter sido lançada a campanha da Fraternidade, veio a reação de grupos ultraconservadores da igreja (Brasil, 14 fev. 2021). De um lado,

a grande maioria dos fiéis católicos apoiava a CNBB, o CONIC, e a campanha. Do outro, alguns grupos, violentamente, com grande alarde, atacavam.

A forte reação ao texto base por grupos ultraconservadores, levou a CNBB procurar apaziguar, e enviar pelas redes sociais, e por outros veículos de comunicação, uma nota respondendo às críticas. Em um primeiro momento, a CNBB explicou que a razão da diferença do texto de 2021, foi ter sido feito pelo CONIC, mas reconheceu a representatividade da igreja Católica na confecção do conteúdo. Em uma segunda nota afirmou que a doutrina da Igreja, não havia mudado em relação às pessoas LGBTQI+, e que os n. 67 e 68 do texto base referiam-se apenas à violência contra o grupo LGBTQI+. Dessa forma, a CNBB, no n. 9 de sua resposta às críticas da Campanha da Fraternidade, frisou que:

A doutrina católica sobre as questões de gênero afirma que “gênero é a dimensão transcendente da sexualidade humana, compatível com todos os níveis da pessoa humana, entre os quais o corpo, a mente, o espírito, a alma. O gênero é, portanto, maleável sujeito a influências internas e externas à pessoa humana, mas deve obedecer a ordem natural já predisposta pelo corpo” (Pontifício Conselho para a Família, *Lexicon – Termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas.*, pág. 673). (CNBB, 09 fev. 2021, n.9).

Talvez o grande estranhamento tenha surgido pelo fato de, pela primeira vez, o texto base trazer as questões das pessoas LGBTQI+ para conhecimento, reflexão e debate. Embora ele não se refira a doutrina da Igreja em relação a estas pessoas, enfatiza a violência que elas enfrentam pelos discursos de ódios, feitos, muitas vezes, por líderes religiosos/as. Um texto que, a meu ver, só pôde ser confeccionado junto com a CNBB, devido ao posicionamento do papa Francisco em relação às pessoas LGBTQI+, e sua ênfase na necessidade da Igreja se colocar ao lado das pessoas mais fracas, defendendo e acolhendo-as, independente em que situação se encontrem, integrando a todos/as (AL 297).

Segundo a pastora Romi Bencke, coordenadora da Campanha da Fraternidade, do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), não foram só críticas. Desde que o texto foi publicado, ela passou a sofrer tão fortes ataques de fundamentalistas cristãos, nas redes sociais, que sentiu necessidade de mudar sua rotina, por temer que o extremismo das redes pudesse resultar em consequências físicas. “Não tenho vocação para mártir.” (BENCKE, 16 FEV. 2021).

“Apesar destes aspectos tão negativos, os ataques trouxeram pontos positivos”. Esta afirmação é de Dom Joaquim Moll (bispo auxiliar de BH, reitor da PUC Minas). Para ele, esta campanha da Fraternidade é muito especial. “Alcançou um dos mais altos patamares de discussão. Isso porque ela suscita o debate, exige escolhas, põe em diálogo, graças a quem está recusando a campanha da Fraternidade.” (Dom Moll, 18 fev. 2021). Para o presidente da CNBB, Dom Walmor O. de Azevedo,

O que vale é o testemunho, e quem é cristão de verdade não ataca, não pisa e não discrimina, pelo contrário: promove a unidade. Eles deverão compreender, todos aqueles que estão dentro da Igreja, que é hora de um novo tempo, reforçou. (Dom Walmor, 27 fev. 2021).

1.2 Gestos e palavras de Francisco

O papa Francisco demonstra o desejo de modificar as relações entre a Igreja Católica e as pessoas LGBTQI+. Insiste em debater estas questões, embora, como já vimos, tanto nos documentos como em seus discursos, rejeita diversos aspectos que considera contrários a doutrina.

Em audiência geral (15 de abril de 2015) voltou a chamar os ‘estudos de gênero’ como ‘ideologia de gênero’, afirmando ser algo usado por não se saber lidar com a diferença. “Visa-se apagar a diferença sexual porque não se sabe mais lidar com ela”. A remoção da diferença é “o problema, não a solução”. Depois, ao receber os bispos de Porto Rico, no Vaticano, o papa reforçou a sua contrariedade, e apelou aos bispos da Estônia e da Letônia a “promoverem a família como dom de Deus para a realização do homem e da mulher, criados à sua imagem e como célula fundamental da sociedade.” (CENCI, 19 jun. 2015).

De modo geral, é possível perceber que os estudos de gênero, não tem sido debatido, dentro da Igreja Católica Romana. As críticas a eles são calcadas na lei natural, na Bíblia, e na defesa da família, colocando todos os estudos que vêm sendo feitos, como ideológicos. Como o papa afirma que os debates devem existir entre teólogos/as, e não serem levados ao povo de Deus, para não os desorientarem e perderem a fé (PAPA FRANCISCO, 29 nov. 2019); acredito que a referência constante do papa sobre esses estudos, como “ideologia de gênero”, possa ser uma forma de impedir que este debate chegue, no momento, aos fiéis.

Mas, de acordo com a CTI, 83 cabe a teologia fornecer os princípios e critérios que permitam ao magistério, realizar discernimento, além de mostrar que as questões complexas, devem ter uma investigação precisa. Então é preciso debater.

A redução dos estudos de gênero à dimensão cultural, afasta o diálogo, e a possibilidade de um maior conhecimento sobre eles. Na atualidade, um número significativo de teólogos/as tem analisado estes estudos, dentro das dimensões biológica – cultural - e espiritual, com importantes conclusões. O conhecimento do contexto de cada um dos estudos de gênero, e das descobertas que estes estudos trazem, permite conhecer cientificamente a questão da diversidade sexual, e da identidade de gênero. Fatores importantes para que teólogos/as, cientistas da religião, estudantes de teologia, clero, professores/as de religião, líderes religiosos/as venham a conhecer, refletir, e debater estes temas.

Entretanto, apesar da rejeição aos estudos de gênero, Francisco procura deixar claro em seus gestos de acolhimento, o respeito e carinho com as pessoas LGBTQI+. Em 2015, recebeu, abertamente, uma transexual (OBSERVADOR, 28 jan 2015), lavou os pés, e deu a comunhão a outra transexual (FRATES IN UNUM.COM, 08 abr. 2015). Encontrou com um casal gay em sua visita aos Estados Unidos (GLOBO.COM, 02 out. 2015), e trouxe o tema para debate, em 2014 e 2015, no Sínodo dos Bispos. Além disso, em carta resposta ao casal Toni Reis e David Harad sob o batismo de seus filhos, o Monsenhor Paolo Borgia, assessor para assuntos Gerais da Igreja, disse que o pontífice viu com apreço a carta, e lhe desejou felicidades (G1, 07 ago 2017). Em 2018 recebeu o padre James Martin, que revelou em uma entrevista após o encontro: “O papa Francisco nutre uma profunda preocupação pelas pessoas LGBT. Isso é evidenciado pelo simples fato de que ele se encontrou comigo por 30 minutos.” (DW, 4 out. 2019).

Os gestos de Francisco são tão marcantes e simbólicos que em um encontro sobre ‘comunicação e misericórdia’, organizado pela Faculdade Auxilium e pelo Gabinete de Comunicação Social do CEI, a Irmã Maria Antonia Chinello, afirmou:

O papa Francisco está a escrever ‘uma **encíclica de gestos**’ com o seu pontificado[...]. Uma encíclica que parte do **realismo da experiência pastoral e a capacidade de escuta do mundo**

contemporâneo. Ele se coloca ao lado dos homens e mulheres do nosso tempo ao estilo do Viandante de Emaús. (MUOLO, 2016).

Em outubro de 2020, veio a público o documentário Francesco que surpreendeu o mundo. Nele o papa reconhece o direito dos homossexuais terem uma família. Fala da necessidade da existência de uma lei civil para que essas pessoas possam estar legalmente cobertas em suas uniões (BRAUM, 2020).

Segundo Cris Serra, coordenadora da Rede Nacional dos grupos LGBT católicos, do Brasil:

O fato de o papa falar em homossexuais e família tem impacto, no contexto em que certos grupos, globalmente, se apropriam dessa palavra, como os defensores da família, para fazer certa guerra ideológica, usando a linguagem do cristianismo como instrumento. (SERRA, 26 out. 2020).

É importante percebermos que quando o papa se diz a favor da criação de uma lei civil, ele não está se referindo a casamento civil, ou mesmo a um casamento religioso, que é sacramento da Igreja. Mas reconhece que os homossexuais têm direito a uma família, e a necessidade de, nos países que ainda não existe, criar uma lei para isso.

As pessoas homossexuais têm direito a estar na família, são filhos de Deus, têm direito a uma família. Não se pode tirar ninguém da família, nem tornar sua vida impossível por esse motivo. O que temos que fazer é uma lei de convivência civil. Têm direito a estar cobertos (protegidos) legalmente. Eu defendi isso. (PAPA FRANCISCO, 28 out. 2020).

No entanto, se voltarmos ao documento, da CNBB, de 16 de maio de 2013, no Brasil, veremos que este afirmava que “as uniões por casais gays não poderiam ser equiparadas à família”. Há diferença no que dizia o documento naquela época, e o que Francisco disse no documentário. Ele reconhece o direito das pessoas LGBTQI+ de terem uma família. As palavras do papa, mesmo não se encontrando em um documento da igreja, possuem grande significado.

1.3 A igreja de Francisco:

1.3.1 Mudanças e Perspectivas

Desde o início de seu pontificado, o papa Francisco enfrenta grande reação às suas ações, e palavras. Já foi acusado de heresia, e questionado, publicamente,

por alguns Cardeais (Conteúdo Cristão, 18 nov. 2016). A razão disso parece ser a forma como ele vê a função da igreja, e a sua maneira de agir. Há uma diferença entre Francisco e seus antecessores. Se compararmos os documentos do pontificado de João Paulo II com os de Bento XI e os de Francisco, poderemos verificar que os dois primeiros privilegiavam o todo, as verdades universais, e as normas. Francisco prioriza o ser humano, a pessoa, e a harmonia nas interações humanas. Sua hermenêutica parte da realidade concreta para o todo, para o universal. Seus documentos, atos e palavras enfatizam as ações pastorais, e suas reflexões são direcionadas ao respeito, e à integração através do amor incondicional de Deus, da ética misericórdia, do acolhimento, e do cuidado.

Francisco não fala em mudanças doutrinárias, embora diga que a doutrina precisa acompanhar o tempo. De acordo com a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), de 24 de novembro de 2013, algumas normas e preceitos podem ter sido eficazes em determinadas épocas, mas, na atualidade, não tem mais valor (EG 43). Entretanto, ele demonstra uma preocupação com a conscientização do clero e dos fiéis, em relação a necessidade da Igreja ser sempre a casa aberta do Pai, onde todas as pessoas participem de alguma forma, da vida eclesial, façam parte da comunidade (EG, 47).

De acordo com a Comissão Teológica Internacional (CTI), de 2014, na Igreja Católica Romana a história aponta o *Consensus fidelium* como o critério que se aceita seguro para determinar se uma doutrina ou determinada prática faz parte da fé católica (CTI 3). Os fiéis possuem um instinto sobrenatural, chamado *sensus fidei*, que é importante para os cristãos cumprirem a vocação profética (CTI 2). Mas para haver decisões doutrinárias ou em relação a uma determinada prática, deve haver o *consensus fidelium*: o consenso da comunidade de fiéis, e a concordância do magistério. Algo, normalmente, que demora a acontecer, e para o qual os teólogos têm uma função importante, pois deverão ser os responsáveis por fornecer os princípios e critérios para o discernimento do tema em questão (CTI 3).

Entretanto, o papa parece, segundo o teólogo Pe, Reuberson Ferreira, mestre em Teologia pela PUC/SP, não desejar ficar debatendo ideias com teólogos presos em normas, afastados da pessoa humana. Para Ferreira, no

pontificado de Francisco é impossível pensar qualquer função que não derive de uma experiência profunda de Deus. O papa insiste que o teólogo não deve se guiar “por uma reflexão frígida, seca, protocolar e formal sobre Deus e/ou sua ação no mundo. Antes deve pautar-se por uma inextrincável relação entre espiritualidade e prática pastoral.” (FERREIRA, 20 dez. 2018).

O papa Francisco demonstra estar preocupado, principalmente, com o atendimento pastoral, e a conscientização dos fiéis sobre certos temas. Como ele disse em entrevista, a igreja deve sair em busca das feridas de seus fiéis (Gazeta do povo, 30 nov. 2013), evitar julgamentos (Veja, 29 jul. 2013), e integrar todas as pessoas (AL 297), de modo que possam sentir a misericórdia, e o amor incondicional de Deus (Al 311).

Para o historiador Austen Ivereigh, autor de uma biografia autorizada sobre o papa Francisco, ele inaugura um novo papado. “Projeto claro, gestos concretos, novo modo de governar [...].”

[...] eu estou convencido de que esse pontificado é o primeiro de uma nova era na Igreja. Nós estamos passando daquilo que, em 2013, ainda era um modelo de governo da Igreja de tipo europeu (monárquico ou imperial) para um modelo de serviço universal. Um modelo inventado pelo **Vaticano II**, mas cuja implementação levou tempo. O **papa Francisco** é o protagonista de uma mudança duradoura que molda um novo papado. Ele inicia um processo. (IVEREIGH, 19 abr. 2018).

A mudança é sempre difícil. Em relação às pessoas LGBTQI+, acredito que, seja possível, com o papa Francisco, apresentar-se boas perspectivas. O interesse em conhecer o tema, e refletir sobre ele, está acontecendo. O clamor mundial dos católicos LGBT de viverem a sua sexualidade, formarem família, e permanecerem na igreja, começa a ser ouvido, e embora, de forma lenta, em alguns locais, isso já é realidade.

No Brasil, em 2006 surgiu na PUC-Rio, o grupo de pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião, do qual eu fazia parte, junto com Prof. Dr. Pe. Luis Correa Lima (coordenador), e outros/as alunos/as e professores/as da universidade. Naquela época o tema era, praticamente, proibido, dentro da Igreja Católica Romana, e havia muita tensão para se falar dele. Com seriedade, pesquisa, muita persistência, eu e algumas colegas fizemos mestrado e doutorado, dentro da temática, e o grupo de pesquisa consolidou-se.

O primeiro grupo LGBT católico surgiu, no Rio de Janeiro, em 2007, formado por pessoas que desejavam continuar na igreja para viver a sua fé, após terem descoberto fazer parte da sigla LGBT, e familiares que buscavam acolhimento e orientação para si próprios/as e para os filhos/as. Este grupo recebeu o nome de Diversidade católica, e teve a orientação espiritual do Pe. Luis Correa Lima. Aos poucos outros grupos se formaram.

Após a entrada do papa Francisco foi possível perceber a diminuição de tensão em cima do tema, e passou-se a ter mais de liberdade para debater, escrever, falar. No Brasil, hoje, existem vinte e três grupos pertencentes a rede Nacional Católicos LGBT, nos quais participam jovens, mães, pais e amigos que procuram viver o amor incondicional de Deus, conforme os convida o papa Francisco. O grupo de pesquisa Diversidade sexual, Cidadania e Religião, da PUC-Rio, ao qual me referi, publicou o livro intitulado Teologia e Sexualidade: portas abertas pelo papa Francisco (Org. LIMA, 2015), e muitos cursos e palestras tem sido organizados pelo grupo, e por seus participantes.

As mudanças da Igreja Católica Romana em relação a esta temática, embora ainda estejamos longe do que precisa ser feito, é significativa. A trajetória que descrevi acima, talvez nunca tivesse se realizado, sem o pontificado de Francisco. E acredito que as perspectivas futuras são positivas.

Em relação a elas, James Martin nos diz:

Vemos que cada vez mais as paróquias têm grupos de evangelização dedicados a ajudar os católicos LGBT a se sentirem confortáveis no que é, afinal, a Igreja é deles também. Tais grupos são pontes. À medida que os pastores e as pastorais se familiarizam mais com a realidade das pessoas LGBT, mais fica evidente o crescimento do "respeito", da "compaixão" e da "sensibilidade" em relação a eles. (MARTIN, 04 out. 2019).

Pelos documentos, palavras e gestos, é inegável que o papa Francisco tem procurado trazer para a Igreja Católica Romana a possibilidade de acolhimento e integração de todas as pessoas, sem exceção. Uma abertura da Igreja às novas questões da sociedade, através de pastorais que acolham os discriminados, e excluídos pela Igreja. Pastorais que possam trabalhar a valorização da pessoa negra, da mulher, do/a imigrante, do/a indígena, das pessoas LGBTQI+ etc. Mas para que estas pastorais aconteçam, e tragam o acolhimento e a integração

necessária, é importante o conhecimento, por parte dos responsáveis, das temáticas, e a união da teologia com o conhecimento científico. União importante para eliminar muitos pré-conceitos, e ajudar o discernimento do melhor caminho a seguir.

Acredito que visando este objetivo, o papa tem apontado, e incentivado os/as teólogos/as a pesquisarem e escreverem sobre temas tabus para trazê-los ao debate, e à reflexão. Em 2019, no discurso feito aos membros da Comissão Teológica Internacional ele disse:

O teólogo tem de ir em frente, estudar o que vai além; enfrentar aspectos que não são claros e arriscar no debate. Isto, no entanto, entre teólogos. Mas ao povo de Deus é preciso oferecer a “refeição” substanciosa da fé, não alimentar o povo de Deus com o debate de questões. A dimensão do relativismo, por assim dizer, que estará sempre presente no debate, deve permanecer entre os teólogos — é a vossa vocação — mas nunca levá-la ao povo, porque então o povo perde a orientação e a fé. Ao povo, sempre a refeição substanciosa que alimenta a fé. (PAPA FRANCISCO, 29 nov. 2019).

Conclusão

Francisco enfatiza o ecumenismo, o trabalho voltado às pessoas pobres, à mulher, aos/às doentes, aos/às imigrantes, aos/às negros/as, aos/às indígenas, às pessoas LGBTQI+ e a todos/as necessitados/as. Para ele, os fatos são mais importantes do que as ideias. A maneira como vivemos a nossa fé deve ser mais valorizada do que a explicação sobre ela. Aos poucos, o papa tem apontado a direção que a Igreja Católica Romana deve seguir para acolher, incluir e integrar a todas as pessoas, entre elas, as pessoas LGBTQI+. As mudanças, nesse sentido, já estão acontecendo.

Para ele, os novos tempos, como diz na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), estão relacionados a uma Igreja em constante saída (EG, 26-27) em busca dos que mais frágeis, e excluídos. Talvez por este motivo, a cada perspectiva de mudanças pastorais, surjam fortes reações contrárias, com ofensas, e se torne necessário fazer uma enfática defesa.

Entretanto, por mais desgastante que isso possa parecer, começa-se a debater dentro da Igreja Católica, questões antes consideradas tabus, como o racismo, a violência contra a mulher, contra os indígenas, os imigrantes, e as

pessoas LGBTQI+. Não existe mudança que venha de cima para baixo. O papa reflete o clamor dos fiéis, e neste caso, das pessoas LGBTQI+ e suas famílias.

Em relação a nós teólogos/as, precisamos, aproveitar este momento, para:

- a) Com base nas questões emergentes da nossa sociedade, pesquisar, e refletir sobre estes importantes temas, partindo do concreto, das necessidades reais, para chegar às questões absolutas;
- b) Debater, dentro da ‘teologia pastoral’, o respeito, o acolhimento, a integração que nos pede o papa Francisco, para pensar em uma pastoral transformadora, que possa unir ação e reflexão, de modo a acolher, transformar e se transformar;
- c) Dentro da ‘teologia moral’ refletir sobre as mais recentes descobertas em relação à lei natural e a cultura, à natureza humana e as relações afetivas, à diferença entre “ideologia de gênero” e “os estudos de gênero”, conhecendo o que a ciência diz sobre identidade de gênero e diversidade sexual,
- d) Com base no evangelho de Jesus Cristo, trazer para as nossas pastorais o amor incondicional de Deus, através de uma espiritualidade libertadora a fim de se viver relações de respeito, inclusão e integração.

Esse Deus que, como Garcia Rubio nos diz, “é todo poderoso no amor”, e que só “através da nossa relação com Ele, a pessoa é capaz de se abrir à sua novidade, de aceitar a sua transcendência e de acolher a sua interpelação.” (RUBIO, 1993, p.24). De acordo com José Antonio Pagola, esse Deus que enviou seu filho, Jesus,

é a coisa maior que nós cristãos temos. Ele infunde outro sentido e abre um outro horizonte à nossa vida. Ele nos transmite outra lucidez e outra generosidade. Ele nos comunica outro amor e outra liberdade. Ele é nossa esperança” (PAGOLA, 2018, p. 150).

Um amor que, segundo Maria Clara Bingemer, “flui da economia trinitária. Um amor inclusivo, que não deixa fora de si o pobre ou os pequenos deste mundo.” (BINGEMER, 2017).

Em nome desse amor, precisamos nos conscientizar e as pessoas que no coração de Deus há lugar para todos/as. Ele está conosco, quando estamos sós, e

na multidão. Conhece e nos ama com as nossas necessidades, limitações e desejos. Somos todos/as chamados/as a viver este amor de Cristo através do que gosto de chamar de “ética da inclusão”. Onde todos/as pelo amor incondicional de Deus têm os mesmos direitos e deveres. Onde há lugar para cada pessoa independente de seu gênero, orientação sexual, etnia e religião (FURTADO, 2020). Jonatan Sacks diz que “Somos amados por Deus pelo que somos, não pelo que outra pessoa é. Cada um de nós tem sua própria bênção [...]” (SACKS, 2015, p.141-142).

Só conseguiremos seguir a proposta de Jesus Cristo, na qual o amor é prioridade, se não formos muros, mas pontes, como propõe o papa Francisco. Para ele, “a fecundidade do nosso testemunho dependerá também de nossa capacidade de dialogar, encontrar pontos de união e os traduzir em ações em favor da vida, de modo especial, a vida dos mais vulneráveis.” (PAPA FRANCISCO, 17 fev. 2021). Como disse Paulo: “Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo” (Gl 3,28).

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 3. **Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização**, Documento preparatório. Cidade do Vaticano. 05 nov. 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20131105_iii-assembly-a-sinodo-vescovi_po.html. Acesso em: 06 fev. 2021.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 3. **Desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização**, Relatio Synodi. Vatican.va. 18 out. 2014. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2014/10/18/0770/03044.html>. Acesso em: 22 fev 2021.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, 14. **A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo**, 24 out. 2015. Relatório final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assembly_po.html. Acesso em: 04 fev. 2021.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, 15. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**, 27 out. 2018. Documento final. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giova ni_po.html. Acesso em: 06 fev. 2021.

BENKE, Romi. Pastora que coordena a Campanha da Fraternidade teme “cruzada santa”. Distrito Federal: **Metrópolis**. 16 fev. 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/brazil/pastora-que-coordena-a-campanha-da-fraternidade-teme-cruzada-santa?fbclid=IwAR1UU98PWH_P8pwEUFNfTWPpv1VE5-_awkJFfC6no45kl9QqgH8PnL23_2Rc. Acesso em: 18 fev. 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BINGEMER, Maria Clara O rosto feminino de Deus. Entrevista. São Leopoldo: **IHU**. Edição 248, 17 dez. 2017. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>. Acesso em: 25 ago 2020.

BRASIL Católicos ultraconservadores atacam Campanha da Fraternidade 2021, que defende população LGBTQI+. **BRASIL247**, 14 fev. 2021. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/catolicos-ultraconservadores-atacam-campanha-da-fraternidade-2021-que-defende-populacao-lgbtqi>. Acesso em: 28 nov. 2020

BRAUN, Júlia. Papa pede legalização da união civil entre gays em novo documentário. São Paulo: **VEJA online**, 21 out. 2020. Disponível em: veja.abril.com.br. Acesso em: 21 out 2020.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE (CF). Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade (2,14^a). Fraternidade e diálogo: compromisso de amor. **E-book Kindle**, 2021.

CASAL GAY agradece Papa Francisco por batismo de filhos, e Vaticano responde. São Paulo: **G1**, 07 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/casal-gay-agradece-papa-francisco-por-batismo-de-filhos-e-vaticano-responde.ghtml>. Acesso em: 19 fev.20 21.

CENCI, Frederico. A encíclica de Francisco diz não à ideologia de gênero. **ZENIT**. Disponível: <https://pt.zenit.org/articles/a-enciclica-de-francisco-diz-nao-a-ideologia-de-genero/> Publ. 19 jun. 2015. Acesso em: 30 maio 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Comunidade de comunidade**, 19 abr.2013. Uma nova Paróquia. Disponível em: <http://www.sagrado-coracaopaulinia.org.br/uploads/publicacoes/CNBBDoc100.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Da presidência da CNBB aos brasileiros**, 09 fev. 2021 Nota. Disponível em pdf: <https://cnbb.org.br/presidencia-da-cnbb-divulga-nota-sobre-a-campanha-da-fraternidade-ecumenica-2021/> Publ. 09 fev 2021. Acesso em: 09 fev. 2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI). **O Sensus na vida da Igreja, 10 jan. 2014**. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html. Acesso em: 20 out. 2020.

DISCURSO. Papa Francisco aos membros da comissão teológica internacional. **VATICAN.VA**, 29 nov. 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191129_commissione-teologica.html. Acesso em: 19 fev. 2021.

DRECHSEL, Denise. Imprensa erra. Papa não equipara união homossexual ao matrimônio. **Gazeta do Povo**, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/imprensa-erra-papa-francisco-nao-equipara-uniao-homossexual-ao-matrimonio/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ERDO, Péter Cardeal. **Relatio post disceptationem**. ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 3, 13 out. 2014. Disponível em: www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141013_erdo-synod_po.html. Acesso em: 02 nov. 2014.

FERREIRA, Reuberson. Um perfil de teólogo no pontificado de Francisco. **IHU**, 20 dez. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/585506-um-perfil-de-teologo-no-pontificado-de-francisco>. Acesso em: 23 fev. 2021.

FRAZÃO, Felipe. Papa fortalece grupos LGBT na igreja, diz coordenadora do movimento gay católico. **Estadão**, 26 out. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/10/26/papa-fortalece-grupos-lgbt-na-igreja-diz-coordenadora-do-movimento-gay-catolico.htm>. Acesso em: 04 fev 2021.

FURTADO, Maria Cristina S. O futuro e a ética da Inclusão. Rio de Janeiro: **CREatividade**, n. 2, p. 39-46, nov. 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/rev_cre.php?strSecao=fasciculo&fas=50238&NrSecao=X3&secao=ARTIGOS&n_rseqcon=50206. Acesso em: 20 fev. 2021.

GUENZI, Pier Davide. **Homossexualidade**: o que há de “bem” na relação? Entrevista. **IHU**, 21 fev. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586851-homossexualidade-o-que-ha-de-bem-na-relacao-entrevista-com-pier-davide-guenzi>. Acesso em: 18 jan. 2021

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-: Francisco) Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual, 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf. Acesso em: 30 nov 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2015-: Francisco) **Carta Encíclica Laudato Si**. Sobre o cuidado de nosso lar comum, 24 maio 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em: 29 mai. 2016.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2016-: Francisco). **Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia**. Sobre o amor na família, 19 mar. 2016. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 26 jun. 2017.

IVEREIGH, Austen. O Pontificado de Francisco inicia uma nova era na igreja. São Leopoldo: **IHU**, 19 abr. 2018. Entrevista de Marie-Lucile Kubacki. Trad. André Langer. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578104-o-pontificado-de-francisco-inicia-uma-nova-era-na-igreja-entrevista-com-austen-ivereigh>. Publ. original por Lavie: 08 març 2018. Acesso em: 12 fev 2021.

MADE FOR MINDS. Na Missa do Galo papa destaca “amor incondicional de Deus”. **DW**, 25 dez. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/na-missa-do-galo-papa-destaca-amor-incondicional-de-deus/a-51791985>. Acesso em: 26 nov. 2020.

MAISONNAVE, Fabiano. Se uma pessoa é gay, procura a Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?, diz papa. **Folha de São Paulo**, 29 jul. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1318313-se-uma-pessoa-e-gay-e-busca-deus-quem-sou-eu-para-julga-lo-diz-papa.shtml>. Acesso em: 19 maio 2016.

MARTIN, James. Os católicos precisam ouvir os LGBT. Entrevista. **DW**, 04 out. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-cat%C3%B3licos-precisam-ouvir-os-lgbt/a-50699063>. Acesso em: 17 fev. 2021.

NOTÍCIA. Papa recebe transsexual no Vaticano: “Deus aceita-te como és”. **OBSERVADOR**, 28 jan. 2015. Disponível em: <http://observador.pt/2015/01/28/papa-recebe-transsexual-no-vaticano-deus-aceita-te-como-es/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

NOTÍCIA. Papa se encontrou com casal gay durante sua visita aos USA, diz TV. **GLOBO.COM**, 02 out 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/papa-teve-encontro-privado-com-casal-gay-diz-tv-americana.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

NOTÍCIA. Francisco lava pés de transsexual a quem depois é dada a comunhão. **FRATRES INUNUM.COM**, 08 abr. 2015. Disponível em: <https://fratresinunum.com/2015/04/08/francisco-lava-os-pes-de-transsexual-a-quem-depois-e-dada-a-comunhao/> Acesso em: 06 fev. 2021.

NOTÍCIAS. Grupo de Cardeais acusa papa Francisco de heresia. **Conteúdo cristão**, 18 nov. 2016. Disponível em: <https://conteudocristao.com.br/grupo-cardeais-acusa-papa-francisco-heresia/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

MENSAGEM. Papa Francisco por ocasião da Campanha da Fraternidade 2021. **VATICANNEWS**, 17 fev. 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-02/mensagem-do-papa-francisco-ocasio-da-campanha-da-fraternidade.html>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MOL. Joaquim Dom. Homilia de Joaquim Mol na abertura da Campanha da Fraternidade 2021. **Youtube** – Vídeo (24 min.) 18 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-vDHGcyc97s>. Acesso em: 18 fev 2021.

MUOLO, Mimi. Papa Francesco e l'enciclica dei gesti. **Avvenire.it**, 15 jun. 2016. Disponível em: <https://www.avvenire.it/opinioni/pagine/i-gesti-di-papa-francesco>. Acesso em: 14 fev. 2021.

O'CONNEL, Gerard. Como o Papa Francisco foi escolhido para liderar a Igreja Católica. Entrevista. Reportagem de Joseph Richard Preville. Trad. Moisés Sbardelotto. **IHU**, 03 maio 2019. Disponível em: ihu.unisinos.br/78-noticias/588816-como-o-papa-francisco-foi-escolhido-para-liderar-a-igreja-catolica-entrevista-com-gerard-o-connell. Acesso em: 24 fev. 2021.

OROFINO, Francisco. **Campanha da Fraternidade ecumênica – 2021**, 09 fev. 2021. – O diálogo amoroso nos caminhos de Emaús. Disponível em: <https://ocaminheirodo reino.com/2021/02/09/campanha-da-fraternidade-ecumenica-2021-o-dialogo-a-moroso-nos-caminhos-de-emaus/?fbclid=IwAR1pUeh4qwf2d7M94OMX-ff2C3McsZ8E29dRJISMJ7gDIYmPQygKPbTHlE4>. Acesso em: 09 fev. 2021.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018.

PARÓQUIA São Francisco do Paula. **O amor de Deus é incondicional, lembra papa na catequese**. Disponível em: <https://paroquiasaofranciscodepaula.blogspot.com/2017/06/o-amor-de-deus-e-incondicional-lembra.html>. Pub. 14 jun.2017. Acesso em: 24 nov. 2020.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Nova evangelização e maturidade afetiva**. São Paulo: Paulinas, 1993.

SACKS, Jonathan. **Not in God's Name: Confronting Religious Violence** (pp. 141-142). Kindle Ed. Hodder & Stoughton, 2015.

SECRETARIA DA JUSTIÇA E CIDADANIA (SJC). **Orgulho LGBTQI+**: Conheça o significado de cada letra e a luta por respeito a diversidade, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://www.to.gov.br/cidadaniaejustica/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-o-significado-de-cada-letra-e-a-luta-por-respeito-a-diversidade/59vopeq232vv>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SINODO DEI VESCOVI – “**Lineamenta**” per la XIV Assemblea Generale Ordinaria: La vocazione e la missione della famiglia nella Chiesa e nel mondo contemporaneo (4-25 ottobre 2015), em 9 dez. 2014. Tradução livre. Disponível em Italiano em <http://press.vatican.va/content/salastampa/pt/bollettino/pubblico/2014/12/09/0935/02013.html>. Acesso em: 6 fev. 2021.

TEMPESTA, Orani João. Reflexões sobre Ideologia de Gênero. **FORMAÇÃO**, 25 mar. 2014. Disponível em: <http://arqrio.org//formacao/detalhes/386/reflexoes-sobre-a-ideologia-de-genero>. Acesso em: 24 06 2020.

WALMOR, Dom. Dom Walmor diz que o 'verdadeiro cristão não discrimina e nem ataca ninguém' - **Rádio Itatiaia** | A Rádio de Minas.